

## Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste

Davi Borges de Albuquerque\*

**Resumo:** este artigo analisa aspectos da ecologia e da história das línguas nativas de Timor Leste. A seção 2 contém uma breve descrição da ecologia fundamental da língua em Timor Leste, seguida por uma análise de algumas propostas anteriores de política e ecologia linguística.

**Palavras-chave:** ecolinguística; política linguística; Timor Leste.

**Abstract:** this paper analyzes ecolinguistics and historical linguistics aspects of East Timor. Section 2 has a brief description of East Timor Language Fundamental Ecology, following by an analysis of previous proposals on language policy and language ecology.

**Keywords:** ecolinguistics; language policy; East Timor.

### 1. Introdução<sup>1</sup>

A República Democrática de Timor Leste é uma pequena ilha localizada no sudeste asiático. O país conquistou sua independência após uma dominação indonésia que se iniciou em 1975 e estendeu-se até 1999. As línguas oficiais de Timor Leste, de acordo com a constituição de 2002, são a língua portuguesa e a língua Tétum, ainda, são aceitas a língua inglesa e indonésia como línguas de trabalho.

Timor Leste possui em um pequeno território 16 línguas nativas, entre elas a língua Tétum, que em sua variedade denominada Tétum-Praça, funciona como língua franca em grande parte do território timorense desde o século XV (Thomaz, 2002), período anterior à chegada dos colonizadores europeus.

O objetivo deste artigo é analisar brevemente a situação linguística atual e a história das línguas de Timor Leste sob o ponto de vista da ecolinguística. Para tanto, será discutida a ecologia fundamental da língua, na seção 2. Em seguida, será examinado o que já foi dito sobre a ecologia da linguagem em Timor Leste.

### 2. Ecologia linguística

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB). Contatos: [albuquerque00@hotmail.com](mailto:albuquerque00@hotmail.com) ou [easttimorlinguistics.blogspot.com/](http://easttimorlinguistics.blogspot.com/).

Artigo escrito em Fev/2010.

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de uma pesquisa sobre as línguas de Timor Leste que se iniciou em 2008, quando foi realizado um trabalho de campo que se estendeu até o ano de 2009.

A ecolinguística, também conhecida como ecologia da linguagem, é definida como o estudo das interações entre as línguas e seus respectivos meio ambiente, de acordo com Haugen (1972, p. 324). Dessa forma, esse ramo da linguística encara a língua como um fenômeno natural, social e psicológico. Por isso, preocupa-se em analisar o meio de comunicação – a língua (L) – em uso efetivo em uma determinada sociedade – território (T) – e falada por um grupo específico – povo (P). Em outras palavras, “para que haja uma L, é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em um determinado T”, conforme Couto (2007, p.20).

A seguir, apresentarei resumidamente as características do território (T), do povo (P) e das línguas (L) do ecossistema linguístico de Timor Leste.

### **2.1 A parte leste da ilha de Timor: o território (T)**

A ilha de Timor é uma pequena ilha localizada no Sudeste da Ásia, mas que se localiza também próximo ao norte da Austrália, cerca de 650 km. Somente a parte leste da ilha é o território da nação timorense, que constitui cerca de 14.600 km<sup>2</sup>, enquanto a parte ocidental da ilha é território indonésio.

Geologicamente, as ilhas da região chamada de *Nusantara Oriental*<sup>2</sup> fazem parte da grande placa tectônica australiana e são ilhas vulcânicas. O solo de Timor Leste de acordo com Fox (2000) é um solo predominantemente barroso, mas que possui a presença de alguns materiais rochosos, entre eles rochas metamórficas, sedimentares e vulcânicas. Ainda, o relevo é montanhoso com o seu ponto mais alto conhecido por *Ramelau*, com 2.963 metros de altitude, e nos diversos vales entre os montes e as montanhas encontram-se muitos rios caudalosos, especialmente na época das chuvas, entre outubro e dezembro. Diferente do resto do território, ao longo do litoral há uma planície, assim como a presença de banco de corais e recifes.

O clima é de monções, caracterizando-se por longos períodos secos: de março a junho e de agosto a novembro, enquanto de dezembro a fevereiro e julho são os dois períodos que chegam as monções que trazem chuvas à região.

As únicas áreas férteis são os vales que acumulam água e tornam o solo produtivo para a agricultura. As demais regiões não são próprias para agricultura, mesmo os solos considerados mais produtivos são pouco férteis, possuem somente a

---

<sup>2</sup> Grupo de pequenas ilhas que se estende desde a ilha de Flores a leste, na Indonésia, até a região da baía de Cenderawasih e da Bird's Head a oeste, na Papua Nova-Guiné.

predominância de cálcio, enquanto apresenta ausência de outros nutrientes necessários à plantação. Esses fatores limitaram, e continuam limitando, a agricultura de Timor Leste a um número reduzido de produtos a serem plantados, assim como com poucos nutrientes, o que refletiu na povoação do território<sup>3</sup>.

## 2.2 História do povo timorense (P)

Os povos que foram os primeiros habitantes do território timorense eram ágrafos, ou seja, não desenvolveram nenhuma forma de escrita. Logo, não há registros escritos que possuam uma grande profundidade temporal contendo informações sobre o Timor ou os povos que aqui viviam. Os primeiros documentos que chegaram até nós contendo informações sobre o Timor datam do século XIV e são de origens chinesas.

Após o século XIV, alguns documentos começam a mencionar o Timor Leste, pois nesse período já havia uma rota comercial estável. Os principais povos navegadores dessa rota comercial eram os chineses, indianos e os povos islâmicos, e o Timor Leste fazia parte da rota de navegação desses povos pela importância que o sândalo branco tinha para o comércio da época. Um pouco depois, no século XVI, a documentação sobre o Timor Leste torna-se significativa já que os europeus começam a ter um interesse no sudeste asiático, e Portugal destaca-se por montar feitorias em diversas cidades.

Sobre a ocupação da ilha de Timor há indícios arqueológicos de que já era ocupada em um período entre 35.000 A.P. e 30.000 A.P.<sup>4</sup>, de acordo com os estudos de O'Connor, Spriggs e Veth (2002). Entre esses indícios arqueológicos dignos de nota estão: a datação de alguns artefatos encontrados utilizados para pesca, como anzóis, (O'Connor e Veth, 2005) e a presença de um marsupial originário da Papua que data 9.000 A.P. (O'Connor, 2006).

Traços culturais de destaque entre os diversos grupos etnolinguísticos leste-timorenses são: as religiões animistas, com ligeiras distinções de um grupo para o outro; a presença da formação da sociedade em torno da 'casa sagrada'<sup>5</sup>, que rege as relações

---

<sup>3</sup> Segundo Fox (2003, p. 106), os principais produtos agrícolas são: arroz (*Oryza sativa L.*), milho-miúdo (*Panicum viride L./Setaria italica L.*), gergelim (*Sesame orientale L.*), sorgo (*Andropogon sorghum Brot.*) e ervilha d'angola (*Cajanus cajan Millspaugh.*), de acordo com as reconstruções linguísticas do Proto-Austronésio, ou do Proto-Malaio-Polinésio.

<sup>4</sup> A.P. é a sigla para 'antes do presente'.

<sup>5</sup> A 'casa sagrada' é uma estrutura da cultura material leste-timorense grosso modo semelhante ao totemismo, dividindo a sociedade e as famílias de maneira análoga aos clãs. Para uma análise

sociais – como casamentos, eleições de chefes e reis, entre outros – dividindo e classificando as diferentes famílias, de acordo com suas ascendências pertencerem, ou não, à casa sagrada; um conjunto de mitologias e cosmogonias, e outros contos de literatura oral, que relacionam a criação do mundo, da ilha de Timor e do homem a certos animais, principalmente o crocodilo e o macaco, além de atribuírem status social de importância ao búfalo.

Vale ressaltar que os diferentes grupos etnolinguísticos de Timor Leste são organizados com a mesma estrutura social e certos traços da cultura material e imaterial apresentam-se de maneira semelhante, o que indica um intenso contato com várias trocas culturais entre esses povos.

Atualmente, Timor Leste possui dois grandes centros urbanos: a capital Dili, e o centro de Baucau. A população é cerca de 794.000 com aproximadamente 23% da população concentrada nas áreas urbanas, enquanto a maioria, 77% da população, localiza-se nas áreas rurais<sup>6</sup>.

### **2.3 Breve panorama sobre as línguas de Timor Leste (L)**

As línguas nativas de Timor Leste são 16 e podem ser divididas em dois grandes grupos de acordo com a filiação genética: austronésico e papuásico. O número de falantes varia muito: há o caso do Tétum que é falado por 80% da população e do Mambae que é língua materna de cerca de 17% da população leste-timorense<sup>7</sup>, assim como o Makuva que é considerada extinta por Hajek, Himmelmann e Bowden (2003), ou usada somente em rituais pelos mais velhos no distrito de Lautém, ver Engelenhoven (2006).

As línguas de Timor Leste pertencem a duas filiações genéticas distintas: Austronésia e Papuásica. Até a atualidade poucos são os estudos de natureza histórica que se debruçaram sobre a classificação das línguas leste-timorenses. Os únicos estudos que apresentaram uma proposta de classificação dessas línguas foram os estudos

---

antropológica dos diferentes povos de Timor, ver Traube (1986) para os Mambae, Clamagirand-Renard (1980) para os Ema – falantes da língua Kemak – e Gomes (1972) para os Fataluku.

<sup>6</sup> Os dados aqui apresentados foram retirados do *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2002, p. 97), que foi publicado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento).

<sup>7</sup> Digno de nota é que os recenseamentos efetuados em Timor Leste apresentam muitas vezes dados extremamente divergentes de acordo com a orientação e interesses ideológicos do órgão que financiou e/ou elaborou tal censo. Assim, para o presente artigo utilizei-me dos números apresentados em dois diferentes recenseamentos realizados pela ONU (Organização das Nações Unidas), conforme está citado no decorrer do texto.

pioneiros de Capell (1943a, 1943b, 1944) e somente, em período mais recente, os estudos de Hull (2001, 2004).

Na proposta de Hull (2001) para as línguas de origem Austronésia, ele lançou a hipótese de que elas descendem de um ancestral comum, chamado por ele de Proto-Timórico (fig.1). O autor incluiu nesse grupo 12 línguas: Bekais, Tétum, Habun, Kawaimina, Makuva, Galolen, Wetarês, Mambae, Tokodede, Kemak, Idalaka e Lolein. As línguas austronésicas foram subdivididas em dois subgrupos: o Fabrônico (fig.2) e o Ramelaico (fig.3), e estes se ramificam ainda mais, de acordo com a localidade geográfica da língua.

Figura 1. A filiação do Proto-Timórico

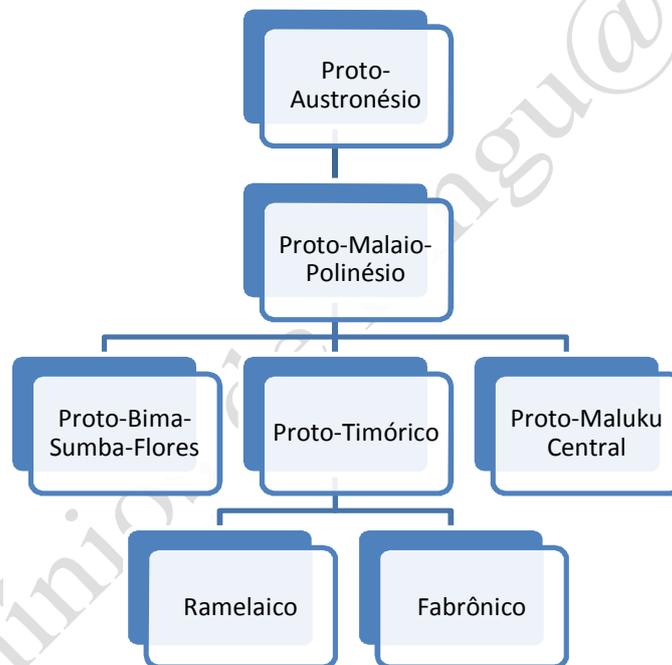


Figura 2. O grupo Fabrônico de línguas Timóricas

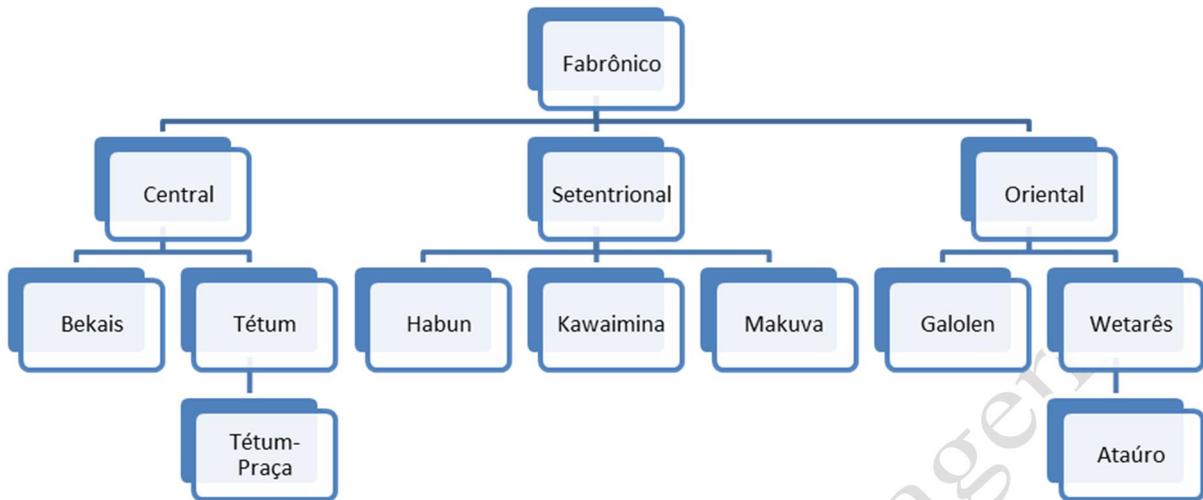
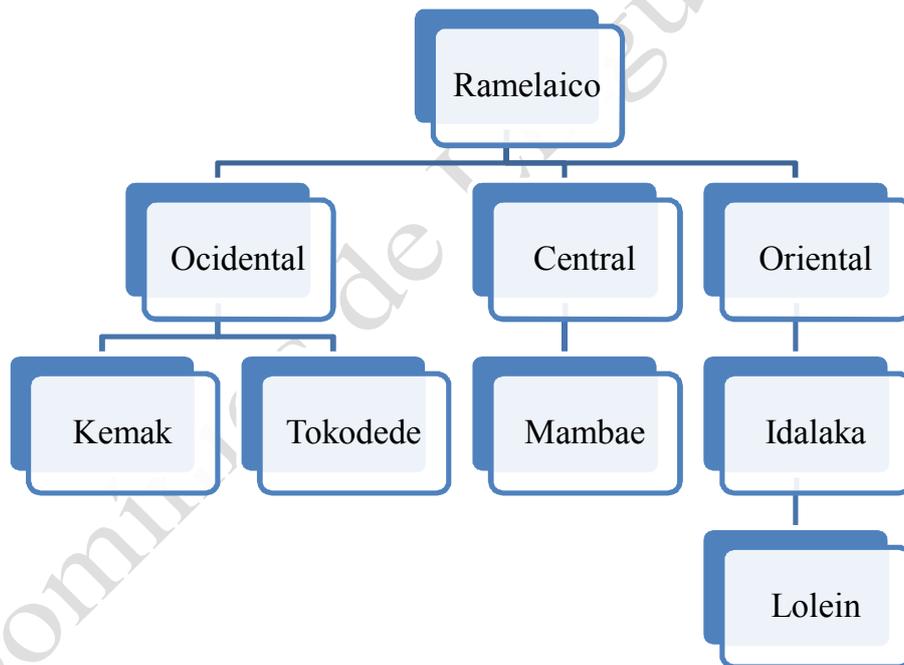


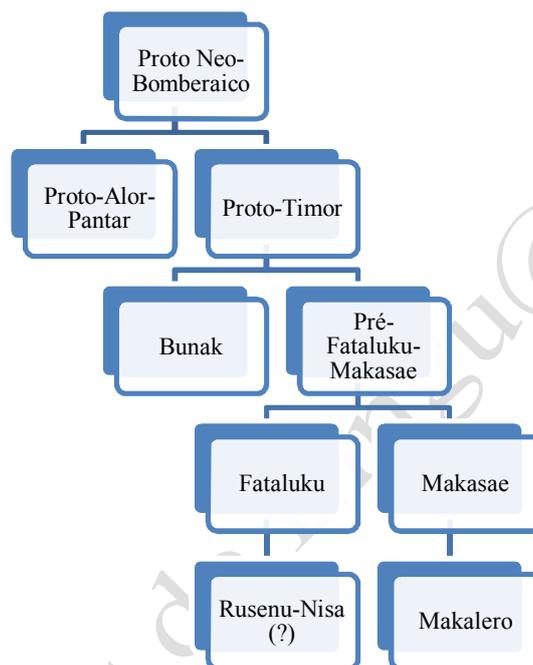
Figura 3. O grupo Ramelaico das línguas Timóricas



Em outro trabalho, Hull (2004) analisou as demais línguas e classificou-as como pertencentes ao agrupamento Trans-Nova-Guiné, também possuem um ancestral comum, que seria o Proto-Bomberaico, nome dado a uma suposta proto-língua que teve sua origem na península Bomberaica, localizada em Papua-Nova-Guiné. Dessa maneira, dentro do grande agrupamento Trans-Nova-Guiné, as línguas leste-timorenses de

origem papuásica pertencem à família Neo-Bomberaica. Ainda, as quatro línguas<sup>8</sup>: Bunak, Fataluku, Makasae e Makalero, separaram-se em períodos históricos diferentes, o que faz com que sua localização geográfica seja descontínua, como é o caso da língua Bunak que se separou primeiro do ancestral comum, e a língua Makalero, que provavelmente originou-se da língua Makasae (fig.4).

Figura 4. As línguas papuásicas de Timor-Leste e suas filiações



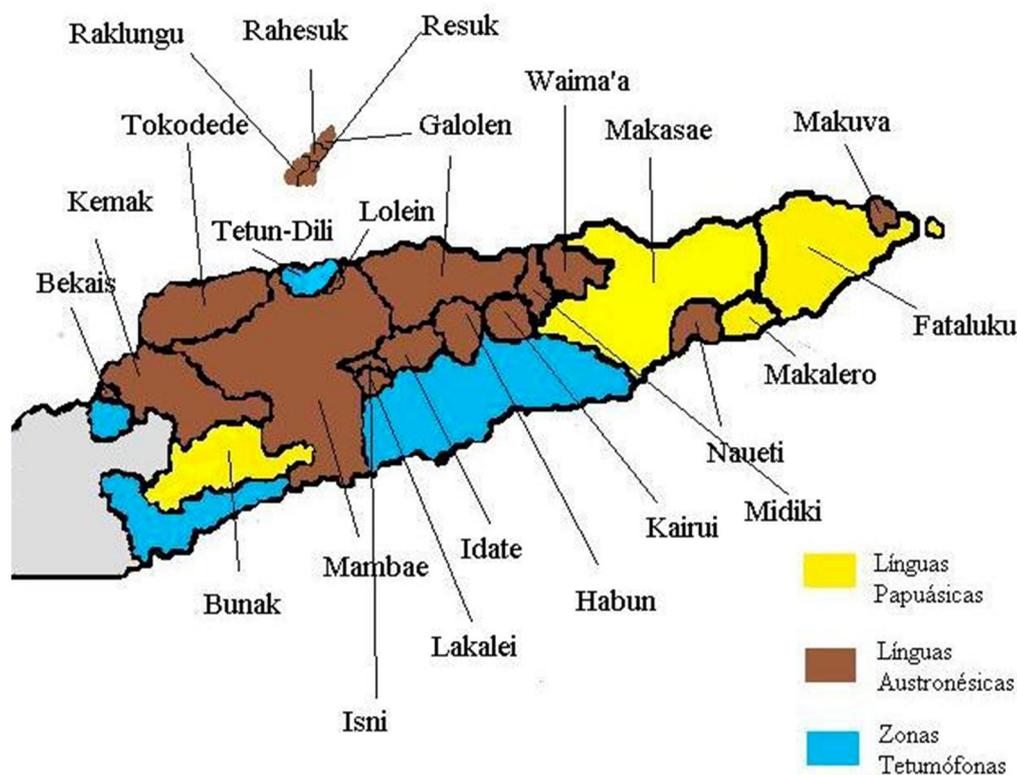
Pode-se perceber, entretanto, que há predominância das línguas papuásicas a leste do território leste-timorense (Mapa 1), com exceção somente do Bunak, enquanto os demais povos se espalharam somente por aquela região. A região central de Timor Leste é predominantemente Mambae, e as regiões adjacentes de outros membros da família Ramelaica: Tokodede, Kemak e Idalaka. Assim, a configuração atual das línguas nativas de Timor Leste pelo seu território é complexa, porém pode ser esquematizada de acordo com o mapa abaixo:

---

<sup>8</sup> Segundo Engelenhoven (2009), há indícios da existência de outra língua papuásica, denominada Rusenu ou Nisa, que provavelmente foi extinta na década de 50 do século XX. Foi achado, porém, um semi-falante que forneceu alguns dados linguísticos. Esses dados apresentam indícios de que essa língua é papuásica e provavelmente desenvolveu-se a partir do Fataluku.

Mapa 1

Timor Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território



Desde a pré-história a Ilha de Timor teve contato com diversos povos, o que contribuiu para a configuração atual das várias línguas leste-timorenses. O fator de maior importância no desenvolvimento das línguas faladas em Timor Leste foi a migração de povos originários da região central das Molucas um pouco após esse período da migração dos povos butoneses, que desencadeou um intenso contato. Hull (2001) afirma que esse acontecimento histórico, juntamente com a ascensão do sultanato de Malaca, desencadeou um processo de crioulização nas línguas de Timor Leste. Porém, seguindo a literatura criolística, apresentei evidências de que tal processo na realidade consiste em mudanças linguísticas induzidas pelo contato, e em casos extremos de intenso contato ocorreu uma reestruturação gramatical (Albuquerque, 2010).

Outro acontecimento histórico que desencadeou contato de línguas em Timor Leste foi a ascendência do sultanato de Malaca como um centro comercial mundial, durante o século XIV e seguintes, o que fez com que o *Pazar Melayu* – variedade crioula da língua malaio – influenciasse diversas línguas da região do sudeste asiático,

inclusive as timorenses. Como exemplo, podemos citar as influências do malaio na língua Tétum: os empréstimos fonológicos de /p/ e /g/; diversos itens lexicais que não faziam parte da cultura tetumófona, como: *katuas* ‘velho’, *dapur* ‘cozinha’, *surat* ‘papel, carta’; formação de possessivos e construções possessivas com o clítico =*nia*, que é o empréstimo do verbo *punya* ‘ter’, como em:

1.    hau=nia  
      1=POS  
      ‘meu/minha’
2.    o=nia uma  
      2=POScasa  
      ‘tua casa’
3.    bluza sira    nee    ami            oan            nian.  
      blusa PL    DET   1PL.INC    filho(a)    POS<sup>9</sup>  
      ‘As blusas do nosso filho(a).’ ou ‘Estas são as blusas do nosso filho(a).’

Finalmente, a colonização portuguesa, que data do século XVI em diante, marcou de maneira significativa as línguas de Timor Leste, tanto de origem austronésica, quanto de origem papuásica. A língua portuguesa serviu, e serve como a língua de superestrato, sendo a base do repositório lexical para a modernização das línguas nativas e, juntamente com o léxico, o português é a língua fonte de empréstimos fonológicos e morfológicos também. Os empréstimos fonológicos /v/, /r/, [ʃ], [ʒ], [ʎ] e [ɲ]; os empréstimos lexicais são de diversas áreas, que cobrem campos semânticos relacionados a religião, terminologia técnico-científica e judiciária, e vários outros conceitos do mundo moderno: *livru* ‘livro’, *borasa* ‘borracha’, *sa* ‘chá’, *burokrasia* ‘burocracia’, *demokratiku* ‘democrático’, *krus* ‘cruz’ etc.; o sufixo agentivo –*door* que é bem produtivo na língua atualmente, tanto em empréstimos do português como *administradoor* ‘administrador’, como em palavras nativas *husudoor* ‘pessoa que pergunta constantemente’ ou ‘perguntador’ de *husu* ‘perguntar’, conforme os lingüistas Hajek e Williams-van Klinken (2003) analisaram; diversas palavras gramaticais algumas estão em alternância de código, outras são compostas, como *kuandu/bainhira*

---

<sup>9</sup> Abreviaturas utilizadas: 1 ‘primeira pessoa’, 2 ‘segunda pessoa’, 1PL.INC ‘primeira pessoa do plural inclusiva’, DET ‘marcador dêitico de proximidade’, PL ‘marcador de plural’ e POS ‘possessivo’.

‘quando’, *ke~neebee* ‘que (relativo)’, *agora~oras nee* ‘agora’ (‘horas’+‘dêitico’), *mais~maibee* ‘mas’, *i~no* ‘e’<sup>10</sup>.

A situação linguística atual dessas línguas é diversa, o Tétum-Praça é falado por mais de 80% da população e é língua franca e língua oficial de Timor Leste; o Mambae possui cerca de 17% de falantes nativos em uma ampla região localizada no centro do país; o Makasae 12%; o Bunak e o Kemak 6,0% cada; o Fataluku e o Tokodede 4,0%<sup>11</sup>. As demais línguas possuem uma porcentagem inferior à mencionada acima, incluindo várias línguas com um número aproximado, ou inferior, a 1.000 falantes, entre elas: Habun, Bekais, Makalero, Isni e Makuva.

### **3. As ‘ecologias’ das línguas para o Timor Leste**

Poucas são as pesquisas na atualidade que têm as línguas nativas timorenses como objeto de estudo. Dentro das publicações que analisam essas línguas, porém, o interesse de política e planejamento linguístico é muito grande por parte de diversos linguistas, que são financiados por instituições internacionais que, por sua vez, têm um interesse ideológico e econômico em Timor Leste. Dessa maneira, há uma série de línguas em riscos de extinção, como Habun, Makalero, Resuk, Rahesuk, Isni e Lolein, que necessitam ser documentadas e revitalizadas, quase não há pesquisas dessa natureza em andamento e as poucas que existem estão a cargo de poucos linguistas. Porém, a política linguística de Timor Leste é tema abordado com maior frequência. Vários artigos visam analisar e fazer propostas de política linguística para o Timor Leste, relacionando, às vezes, essas diferentes propostas com a teoria da ecolinguística. Os trabalhos que tiveram maior repercussão no mundo acadêmico, ou que apresentam de alguma maneira, uma proposta digna de discussão são os seguintes: Hajek (2000), Taylor-Leech (2005) e Wendel (2005). Discorrerei brevemente sobre eles nos parágrafos a seguir.

Em seu artigo, Hajek (2000) analisa a política e o planejamento linguístico formulado para o Timor Leste no decorrer da história. Ele analisa o chamado período português, que se estende de 1515 até 1975, o período de dominação indonésia, de 1975 até 1999, e o período de independência que se estende de 2002 até a atualidade. Nos períodos de colonização e dominação, segundo Hajek (2000, p. 411), as autoridades não

---

<sup>10</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre questões de linguística histórica aplicada às línguas de Timor Leste, remeto leitor a Albuquerque (2009).

<sup>11</sup> Dados extraídos do *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006).

se importavam com as línguas nativas e a sobrevivência dessas línguas até os dias atuais baseou-se em uma ecologia local das línguas com a capacidade de se adaptar e sobreviver. No período atual, a valorização de uma língua nativa – a língua Tétum, que é língua oficial – é considerado um marco, com uma mudança da ecologia linguística voltada para uma língua nativa. Críticas, porém, ainda são feitas, pois se deve manter uma ecologia saudável, centrada em todas as línguas nativas, e não somente concentrada em uma língua, neste caso o Tétum.

Taylor-Leech (2005), em seu artigo, argumenta da mesma maneira que Hajek (2000), analisando os períodos históricos de colonização e dominação sofridos por Timor Leste. A autora, porém, vai além e apresenta, segundo ela, o que seriam ‘forças’ que podem influenciar e deslocar a ecologia das línguas em Timor Leste, a saber: a presença da língua inglesa, que foi inserida através da presença de entidades internacionais de assistência que trouxeram junto com elas seus respectivos funcionários; o legado do colonialismo; fatores relacionados à política e identidade lingüística. Taylor-Leech (2005, p. 116) argumenta que a língua inglesa é reconhecida universalmente como uma ‘língua imperialista’, ou uma língua ‘assassina de línguas’, devido a fatores sócio-econômicos que levam os falantes de línguas nativas a desistirem de suas línguas e adotarem o inglês, e as ex-colônias tendem a valorizar a língua do colonizador em detrimento das línguas nativas. Ainda, a proposta da autora vai além de uma simples análise, pois ela considera uma solução para a valorização das línguas nativas o reconhecimento da sociedade timorense como uma sociedade multilíngue e a expansão do uso das línguas nativas em diferentes ‘espaços sociolinguísticos’ (Taylor-Leech, 2005, p.119), como: educação, judiciário e imprensa.

Wendel (2005) apresenta em seu artigo uma grande diferença dos anteriores, pois analisa primeiramente diversas questões teóricas e metodológicas a respeito da ecolinguística. Em seguida, ele analisa a história, a educação, o contato de línguas e vários outros fatores do ‘meio ambiente’ leste-timorense. A proposta de Wendel (2005, p.73) é a que poderia ser considerada como a mais ‘ecológica’ de todas, pois o autor, ao mesmo tempo em que alerta sobre a dominação das potências, como a língua portuguesa, que é a língua do colonizador, e a língua inglesa que é a língua mundial e, de certa forma, uma língua sedutora, ele também alerta sobre o equilíbrio ecológico com o ambiente, já que as línguas nativas não podem sobreviver sem o contato linguístico – que já acontecia antes da chegada dos portugueses no século XVI – e o completo

isolamento, ou valorização da língua nativa através do excesso de ‘purismos’, podem levá-las a situação de línguas ameaçadas, ou até a extinção.

Todavia, em todos os trabalhos analisados, não há preocupação nenhuma com o planejamento linguístico, entendendo aqui política e planejamento linguístico de acordo com Calvet (2007), que define ‘política linguística’ como o conjunto de decisões em relação a(s) língua(s), diferenciando de ‘planejamento linguístico’ que consiste na implantação, ou não, deste conjunto de decisões. Na atualidade, a República Democrática de Timor Leste sofre com essa falta de planejamento linguístico: as instituições que fazem parte do dia-a-dia da sociedade leste-timorense, como escolas, universidades, hospitais, comércios, serviços burocráticos etc. oferecem ao público seus respectivos produtos e serviços nas mais diversas línguas, as principais são: inglês, chinês e malaio, e em número reduzido esses produtos e serviços da sociedade leste-timorense podem ser encontrados em português e Tétum-Praça. As propostas de Hajek (2000), Taylor-Leech (2005) e Wendel (2005) parecem não levar em conta a realidade atual do país e também não apresentam soluções práticas para a delicada situação de um país recém liberto de uma invasão e que apresenta uma situação linguística multilíngue com várias línguas dominadas e/ou ameaçadas.

Ainda, além da ausência de preocupações em relação à prática, ou seja, ao planejamento linguístico, o conjunto de propostas teóricas, analisadas anteriormente, apresenta também um caráter pernicioso à nação leste-timorense, já que a escolha de somente uma língua estrangeira com potencial opressor, seja a língua inglesa, a língua portuguesa, ou o *bahasa indonesia*<sup>12</sup>, sem a presença de uma língua nativa, desequilibraria o frágil meio ambiente linguístico de Timor Leste; a adoção de uma língua nativa, sem a presença de uma língua internacional com caráter de língua de cultura, exigiria uma demanda grande voltada para a reforma linguística da língua nativa escolhida, como no caso pode ser o Tétum-Praça, principalmente em relação à renovação lexical, ou seja, exigiria uma política e planejamento linguísticos bem organizados e efetivos para fazer tal reforma em período de tempo curto, o que não acontece nos dias de hoje no planejamento linguístico leste-timorense, como já foi dito.

Outro fator de extrema importância nas discussões de ecolinguística de Timor Leste é a questão da ecologia das línguas ameaçadas. A ecologia das línguas ameaçadas

---

<sup>12</sup> A língua oficial da Indonésia na realidade é o malaio, mas por motivos identitários, culturais e políticos é chamada de *bahasa indonesia* que significa ‘língua indonésia’.

é entendida de acordo com Mühlhäusler (1996) que afirma que o exercício de pensar as línguas como “espécies biológicas” é interessante para se entender questões linguísticas como a importância da biodiversidade, o prejuízo da extinção de espécies, o perigo de espécies ameaçadas, entre outras, porém, deve-se ter em mente outro relevante fator: a língua não é uma entidade *per se*. Segundo Hale (1992a, 1992b), uma língua somente é considerada não ameaçada quando possui um número de falantes superior a 100.000 e, ainda, quando os problemas que podem levar a língua de uma comunidade específica à extinção estão solucionados. Assim, grande parte das línguas nativas faladas em Timor Leste está ameaçada, já que somente as línguas: Tétum, Mambae e Makasae possuem um número de falantes superior a 100.000, conforme foi mencionado acima, enquanto as demais línguas estão ameaçadas; outras correm sério risco de extinção como o Isni, falado por 290 pessoas, e o caso da língua Makuva que é somente usada em contextos sociais específicos e falada por um número insignificante de pessoas o que a torna seriamente ameaçada de extinção.

#### **4. Considerações finais**

Neste artigo procurei apresentar os elementos basilares para um estudo da ecolinguística de Timor Leste na atualidade, assim como os processos sócio-históricos que formaram esse meio ambiente linguístico. Além disso, apresentei os principais trabalhos que já abordaram o tema da ecolinguística leste-timorense, analisando-os e verificando certos interesses ideológicos que os perpassam.

As questões sobre a política linguística e o planejamento linguístico em Timor Leste devem ser debatidas de maneira exaustiva, pois muitos são os problemas e desafios que devem ser superados, como o interesse de organizações internacionais, de ideias conflitantes entre os governantes do país, a relação entre a política linguística e a política internacional, o problema das línguas nativas ameaçadas, entre outros. Logo, analisei diferentes trabalhos e propostas que se preocuparam mais em propor soluções no campo da política linguística de Timor Leste, enquanto o planejamento linguístico e a realidade do meio ambiente das línguas leste-timorense foram deixados de lado.

No presente artigo, não cometi o mesmo equívoco mencionado acima e limitei-me a apresentação da ecologia linguística de Timor Leste e a análise das principais propostas que correlacionaram política linguística e ecolinguística de Timor Leste. A minha proposta, apesar de enfatizar o planejamento linguístico, foi procurar um

equilíbrio entre a língua portuguesa, o Tétum-Praça e as demais línguas nativas, e diminuir ao máximo o impacto linguístico e cultural que a língua inglesa e o *bahasa indonesia* vem causando, deixo para expô-la futuramente, quando em uma posterior viagem de campo tiver a oportunidade de verificá-la junto à comunidade.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, D. B. Pré-história, história e contato linguístico em Timor Leste. **Domínios de Lingu@agem**, v.6, n.2, p.75-93, 2009.

\_\_\_\_\_. Contatos linguísticos em Timor Leste: mudanças e reestruturação gramatical. Comunicação apresentada ao **VI Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Salvador, 2010.

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial/IPOL, 2007.

CAPELL, A. Peoples and Languages of Timor (I). **Oceania**, v.14, n.3, p.191-219, 1943a.

\_\_\_\_\_. Peoples and Languages of Timor (II). **Oceania**, v.14, n.4, p.311-337, 1943b.

\_\_\_\_\_. Peoples and Languages of Timor (III). **Oceania**, v.15, n.1, p.19-48, 1944.

CLAMAGIRAND-RENARD, B. The Social Organization of the Ema of Timor. In: FOX, J. J. (ed.). **The Flow of Life: Essays on Eastern Indonesia**, p. 231-247. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

COUTO, H. H. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

ENGELHOFEN, A. The Makuva Enigma: locating a hidden language in East Timor. **Second Conference on Austronesian Languages and Linguistics**, Oxford, 2006.

\_\_\_\_\_. On derivational processes in Fataluku, a non-Austronesian language in East Timor. In: WETZELS, L. (ed.). **The Linguistics of Endangered Languages**. Contributions to Morphology and Morphosyntax. Utrecht: LOT, 2009. p. 333-362.

FOX, J. J. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, J. J.; SOARES, D. B. (eds.) **Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor**, p. 1-27. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000.

\_\_\_\_\_. Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor. In: COSTA, H. et al (Eds.). **Agriculture: New Directions**

for a New Nation — East Timor (Timor-Leste), p.105-114. Canberra: The Australian National University, 2003.

GOMES, F. A. *Os Fataluku*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1972.

HAJEK, J. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. **Current Issues in Language Planning**, n. 1, p. 400-413, 2000.

HAJEK, J; HIMMELMANN, N; BOWDEN, J. Lóvaia, an East Timorese language on the verge of extinction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 160, p. 155-167, 2003.

HAJEK, J; WILLIAMS VAN-KLINKEN, C. Um sufixo românico numa língua austronésia: -dór em Tetum. **Revue de linguistique romane**, n. 67, p. 55-65, 2003.

HALE, K. On endangered languages and the safeguarding of diversity. **Language**, n. 68, p. 1-3, 1992a.

\_\_\_\_\_. Language endangerment and the human value of linguistic diversity. **Language**, n. 68, p. 35-42, 1992b.

HAUGEN, E. **The Ecology of Language**. California: Stanford University Press, 1972.

HULL, G. A Morphological overview of the Timoric Sprachbund. **Studies in Languages and Cultures of East Timor**, n.4, p. 98-205, 2001.

\_\_\_\_\_. The Papuan Languages of Timor. **Studies in Languages and Cultures of East Timor**, n.6, p. 23-100, 2004.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Inquérito aos Sucos de Timor Leste**. Dili: UN Agency House, 2001.

MÜHLHÄUSLER, P. **Linguistic ecology**: language change and linguistic imperialism in the Pacific regions. Londres/New York: Routledge, 1996.

NATIONAL BOARD OF STATISTICS. **Timor-Leste Census of Population and Housing 2004**. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.

O'CONNOR, S. Unpacking the Island Southeast Asian Neolithic Cultural Package, and Finding Local Complexity. GLOVER, I. C; BACUS, E. A; PIGOTT, V. C. (eds.). **Uncovering Southeast Asia's Past**, p. 74-87. Cingapura: National University of Singapore, 2006.

O'CONNOR, S; VETH, P. Early Holocene shell fish hooks from Lene Hara Cave, East Timor establish complex fishing technology was in use in Island Southeast Asia five thousand years before Austronesian settlement. **Antiquity**, n. 79, p. 1-8, 2005.

O'CONNOR, S; SPRIGGS, M; VETH, P. Excavation at Lene Hara Cave establishes occupation in East Timor at least 30,000–35,000 years ago. **Antiquity**, n. 76, p. 45–50, 2002.

TAYLOR-LEECH, K. The ecology of language planning in Timor-Leste. **Development Bulletin**, n 63, p. 116-120, 2005.

THOMAZ, L. F. F. R. **Babel Loro Sa'e**: O Problema Lingüístico de Timor Leste. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

TRAUBE, E. **Cosmology and Social Life**: Ritual Exchange among the Mambai of Timor. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

WENDEL, J. N. Notes on the Ecology of Language. **Bunkyo Gakuin University Academic Journal**, n. 5, p. 51-76, 2005.

Domínios de Lingu@agem